

OS GAULESES DE CÉSAR: A ETNOGRAFIA E A *VIRTUS* NO *BELLO GALLICO*

Giovane Vasconcellos Cella¹

RESUMO: A obra intitulada *Comentarii de Bello Gallico* foi produzida por Caio Júlio César durante os seus pro-consulados na Ilíria e na Gália Cisalpina (59-50 A.E.C.) e trata das campanhas por este empreendidas na Gália, com os objetivos de subjugar-la e conquistá-la. Pretendemos analisar no presente artigo de que forma César estrutura sua etnografia da Gália como metonímia da região pelos habitantes e, portanto, excluindo as etnografias da Germania e da Britânia presente no *Bello Gallico*. Ademais, exploraremos como o autor constrói a imagem de um inimigo ideal ao articular a construção dessa etnografia com o conceito de *virtus*, criando um oponente valoroso o suficiente que por vezes é passível de comparação com os romanos, mas que ainda assim fora derrotado e conquistado por ele, César.

PALAVRAS-CHAVE: Júlio César; Etnografia Antiga; Gália.

ABSTRACT: The work usually entitled *Commentarii de Bello Gallico* was written by Gaius Julius Caesar while he was proconsul at the provinces of Illyricum and Cisalpine Gaul (59-50 b.C.E.) and narrates his campaigns in Gaul, with its conquest and subjection as his major aims. The present article intends to analyze how Caesar presents his ethnography of Gaul in the *Bello Gallico* as a metonymy of the region by the inhabitants, thus excluding the ethnographies of Germania and Britannia. Furthermore, we will explore how the author constructs the image of an ideal enemy through the articulation of that ethnography with the concept of *virtus*, creating an opponent so valorous that he could even sometimes be compared with the Romans, but who, nevertheless, was subdued and conquered by him, Caesar.

KEYWORDS: Julius Caesar; Ancient Ethnography; Gaul.

Os chamados *Comentários sobre a Guerra Gálica*, ou *Comentarii de Bello Gallico*, tratam do conjunto de incursões executadas por Caio Júlio César na região denominada como Gália (diferenciada das províncias romanas da Gália Cisalpina e Transalpina), que compreende aproximadamente a região correspondente hoje à França e cercanias, dos anos 58 a 50 A.E.C. Composto por

¹ Graduando do curso de História e bolsista PIBIC/CNPq da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

sete livros escritos por César (dos anos 58 a 52) e um oitavo livro escrito por Aulo Hircio, o *De Bello Gallico*, doravante *BG*, constitui o único relato contemporâneo a essas campanhas².

Entretanto, a contemporaneidade aos acontecimentos não faz com que as descrições etnográficas apresentadas por César correspondam necessariamente a uma realidade observada pelo autor, pois, como aponta Fornara, a “etnografia permitia a publicação do relato não confirmado mesmo daquilo improvável”, mas que também “seria errado supor que o costume se formou por uma deficiência no senso histórico dos antigos. Era parte do gênero da etnografia, mesmo quando casado à História.” (Fornara, 1988: 15)³.

Por esse motivo, para além do ambiente político romano e demais particularidades nas quais a obra fora produzida, é necessário pensar o *BG* como uma obra inserida em uma tradição literária greco-romana. Analisaremos neste artigo primariamente a etnografia existente na obra de César, ou seja, a representação que César dá a um “outro” diferente de si mesmo, neste estudo, especificamente, os povos gauleses por ele encontrados ao longo de suas campanhas. Entretanto, apesar de aqui analisarmos apenas a etnografia em detrimento do restante da obra, esta não deve ser pensada como gênero existente autônomo⁴, ou seja, como um gênero narrativo do qual a escrita de outros gêneros possa ser em grande parte dissociada. Como colocado por Emma Dench,

Até certo ponto, a categoria de ‘escrita etnográfica’, distinta de, por exemplo, ‘História’ ou ‘Geografia’, foi criada por estudiosos modernos. [...] ‘Etnografia’ – escritos sobre

² Para uma discussão sobre as circunstâncias de produção desse relato, cf. Rambaud (2011: 9-12, 365 e 403-405) e Wiseman(1998). A discussão é analisada ainda por Riggsby (2006: 9-11). Em resumo, Rambaud afirma que as contradições internas não necessariamente seriam provas de uma produção contínua dos comentários (ano a ano), e que julgá-las como tal seria confundir a metodologia da história com a da crítica literária, pois a contradição no plano literário não necessariamente significaria o erro de uma ou das duas informações, podendo ser uma característica de estilo e objetivo. Wiseman se contrapõe dizendo que a publicação contínua seria uma estratégia política para manter seu prestígio junto ao povo, de quem teria recebido seus proconsulados. Já Riggsby afirma que “*the question of the timing of composition of De Bello Gallico is one where we are left assessing comparative probability, not established fact*” (11).

³ “*Ethnography permitted the publication of the unconfirmed report of even the improbable*”; “*But it would be wrong to suppose that the custom was shaped by some deficiency in the historical sense of the ancients. It was part of the genre of ethnography, even when wedded to history.*”

⁴ Apesar de Fornara falar da etnografia como um gênero, ele não a trata em momento algum como autossuficiente.

outros povos, [é] uma subdivisão que tem alguma base no pensamento antigo. (Dench, 2005, p. 41-42)⁵

Duas informações importantes se depreendem desse trecho. Etnografia é essencialmente o escrito sobre outros povos. E não pode existir autonomamente. Ela se encontra sempre inserida dentro do texto - como colocado por Dench, apenas sendo uma subdivisão com *alguma* base no pensamento antigo. As preocupações das obras que conteriam relatos etnográficos seriam as mais diversas, e.g.: Heródoto se preocupava em escrever suas Histórias, ou seja, o gênero histórico; Hipócrates, desenvolver um tratado médico.

O interesse original em tais relatos sobre “outros povos” se estabelece através dos relatos gregos da “volta ao mundo” (*periegesis* ou *periodos ges*) ou relatos sobre genealogias de determinados povos (*Persika*, *Indika* etc)⁶. Suas raízes, entretanto, seriam ainda mais profundas, remontando em última instância à épica, em particular a *Odisséia* de Homero. Em todos os casos, os relatos etnográficos e geográficos sobrevivem na literatura antiga como aspecto integral de diversos escritos históricos, bem como de outros tipos de literatura. Considerando a característica de mesmo as narrativas históricas serem pensadas para leitura em voz alta⁷, esses relatos comporiam um conhecimento comum. Como colocado por François Hartog, “Entre o narrador e o destinatário existe, como condição para tornar possível a comunicação, um conjunto de saberes semântico, enciclopédico e simbólico que lhes é comum” (Hartog, 2014, p. 48). Ou seja, a mera existência da etnografia em César remete a uma inserção em uma tradição de escrita. Portanto, essa etnografia se volta para o passado quando se desenvolve, ao mesmo tempo perpetuando e ressignificando os elementos dessa tradição⁸, independente de uma necessidade de constatar se determinado autor teria ou não referenciado determinado relato ou obra.

⁵ “To a considerable extent, the category of ‘ethnographical writing’, as distinct from, for example, ‘history’ or ‘geography’, was created by modern scholars. [...] ‘Ethnographie’—writings about other peoples, a subdivision that has some basis in ancient thought.”

⁶ Marincola, 2007, p. 5

⁷ “From the beginning, history had been written to be read aloud. [...] Publication was the public performance; the written text was for ‘consultation by the educated.’” (Wiseman, 1998, p. 4-5).

⁸ Como colocaria J.J. Tierney, é uma “*deformation of the truth through continuous transference and stylisation*” (Tierney, 1960, p. 121).

Dois alicerces claros do que Dench chama de subdivisão etnográfica se edificam no tratado *Ares, Águas e Lugares* do grego Hipócrates⁹, e nas *Histórias*, de Heródoto. No primeiro caso, quando Hipócrates afirma que

Os que habitam em uma região montanhosa, apical, elevada [...] nestes casos, é normal que tenham aparência de grandes e sejam naturalmente propícios para o esforço e para a virilidade; e tais naturezas não têm menos selvageria e animalidade. (AAL, XXIV.2)¹⁰,

Em César vemos uma construção de raiz semelhante:

[...] de todos os lados se vêm os helvécios estreitos pela natureza do lugar; de uma parte, pelo Rim, mui largo e profundo rio, que os extrema dos germanos; de outra, pelo Jura, monte altíssimo, que se interpõe entre eles e os sequanos; de outra enfim, pelo lago Lemano e rio Ródano, que deles extrema a nossa província. Originava-se daí poderem estender-se menos, e menos facilmente fazer guerra aos vizinhos; o que, para gente tão belicosa, era ocasião de grande mágoa. (BG, I.2)¹¹.

Hipócrates descreve um tipo de região geograficamente restrita por ser montanhosa. Já César singulariza que os helvécios se encontrariam com o lago Lemano e rio Ródano cercando-os ao sul, o rio Rim (Reno) ao nordeste e a cordilheira do Jura ao noroeste até o encontro com o Reno, fechando completamente também o norte da região. Seria, portanto também uma região fisicamente restrita, também montanhosa. César aponta a belicosidade dos helvécios como característica natural daqueles que habitavam tal ambiente, assim como Hipócrates explica que os habitantes de geografias semelhantes seriam propensos à selvageria e animalidade¹². Temos ainda que, como aponta Hester Schadee,

⁹ Doravante AAL. Apesar de não ser este o primeiro a tratar a etnografia. Como dito anteriormente, muito desta se encontrava já na épica de Homero e na *Periodos Ges* de Hecateu de Mileto. Cf. Fornara (1988, p. 12-16) para uma breve descrição do desenvolvimento da escrita etnográfica na Antiguidade.

¹⁰ Tradução do grego por Henrique F. Cairus.

¹¹ Tradução de Francisco Soeiro dos Reis, assim como as demais, a não ser que assinalado de forma diferente.

¹² A ligação aparentemente óbvia e lógica entre as duas descrições é o que argumentamos como presença da tradição. Por si só, o discurso da propensão à guerra por parte dos helvécios em específico e dos gauleses em geral poderia advir do saque de 390 A.E.C.. Cf. Otis (1914, p. 246): “*Since the sack of the city by the Gauls in 390 B.C., a quiet but progressive apprehension had been invading the minds of the Romans. In 295 the Gauls had aided the Samnites and later the*

a distância intelectual é facilmente lida como um paralelo à distância física e o ato de inquirido coincide com o resultado: em ambos os pontos o afastamento é o tema (em termos de distância física através do estereótipo hipocrático que iguala povos ferozes e moradas no extremo norte). (Schadee, 2008, p. 164)¹³.

Se voltarmos a César, ainda no primeiro capítulo do primeiro livro, constatamos ao que Schadee se refere:

De todos esses povos os belgas são os mais fortes, por eles serem os mais distantes da cultura e da civilização da província romana, e não vão lá amiúde mercadores, nem lhes levam coisa que lhes enerve o vigor.” (BG, I.1)¹⁴

Podemos perceber essa distância como um ambiente hostil, bem como as constantes batalhas entre tribos e contra germanos e a topografia e clima das regiões habitadas onde há a necessidade de ação do homem para atingir seus objetivos em contínua luta contra a natureza. César, ao apontar tais características como vitais para distinguir a proeminência bélica de determinadas tribos sobre outras (nos exemplos dados, dos helvécios e belgas), dá continuidade ao pensamento hipocrático, quando este diz que:

Por isso, considero que os habitantes da Europa são mais animosos que os da Ásia; pois em (climas) quase iguais, há indolência; em (climas) que se modificam, há vivacidade no corpo e na alma, e, a partir da tranquilidade e da indolência, aumenta a covardia; a partir da vivacidade e dos esforços aumenta a virilidade. (AAL, XXIII.3)¹⁵

Etruscans. The Semones and Boii had been ejected from Italy only by a hard struggle in 282. In 225-223, the Romans, on reaching the Po, had to wrest every inch of the land by force from Gallic tribes. The dread of the Gauls had not been allayed by the alliance of some of their tribes with Hannibal when he invaded the peninsula.”

¹³ “Intellectual distance is easily read as a parallel to physical distance and the act of inquiry tallies with the outcome: on both scores remoteness is the theme (in terms of physical distance through the Hippocratic stereotype that equals fierce people and far-north abodes).”

¹⁴ Optamos aqui por aliar a tradução no inglês de H.J. Edwards com a em português de Francisco Sotero dos Reis, por nos parecer confusa quando este nos informa “por isso mesmo que não estão mais longe da cultura e polícia da província romana” devido a negativa presente. Ainda que concordemos, ainda mais tendo em vista o apontado posteriormente por Tácito em *Agricola*, 21, com a tradução por *polícia de humanitate* (no latim, e utilizado por Tácito como *humanitas*), preferimos *civilization* por se encaixar melhor em um eixo lógico em ambos os casos. Apesar de termos utilizado o *vigor* proposto por Sotero, ressalvamos a presença no texto em latim do termo *effeminandos animos*, mais compatível com a leitura de Edwards de *commodities that make for effeminacy*, o que entraria em diálogo direto com a masculinidade da *virtus*, como veremos adiante.

¹⁵ Tradução do grego por Henrique F. Cairus.

A questão bélica se torna ainda mais central quando lembramos a importância da guerra na tradição etnográfica romana; afinal, o conhecimento de outros povos e culturas no mundo romano se dá através da guerra, e a representação desses povos (e de seus ambientes), ou seja, uma demonstração de conquista intelectual, constitui importante passo para uma conquista *de facto*¹⁶. Como coloca Ellen O’Gorman,

a função da guerra em um contexto etnográfico, portanto, é tanto descobrir quanto confirmar; tanto encontrar quanto manter distinto: uma série de papéis altamente complexa. (O’Gorman, 2012, p. 102)¹⁷

O alicerce herodoteano, por outro lado, é visível em uma questão mais estrutural: assim como nas *Histórias* de Heródoto onde, a partir do livro II, capítulo 5, um longo trecho é dedicado à descrição geográfica do Egito, logo seguido pela etnografia de seu povo¹⁸, recorrendo novamente à descrição geográfica sempre que necessário, César insere já nos dois primeiros capítulos do primeiro livro do *BG* uma delimitação e especificação do espaço da Gália¹⁹, e retoma a descrição geográfica por todas as vezes em que julga necessário ou para propósitos etnográficos ou de demonstração do alcance de seus feitos²⁰. Baseado nas tradições, em escritos anteriores e na própria averiguação dos fatos durante as campanhas (que, combinados, fez com que Francis Kelsey afirmasse à César uma “*perfeita compreensão de seu assunto que ninguém mais possuía ou poderia obter*”, Kelsey (1905: 218)²¹, César define e situa seus inimigos não apenas como um desconhecido “outro”, mas como um “outro” primitivo, definitivamente bárbaro, como vemos em sua descrição dos nérvios:

¹⁶ Cf. Krebs (2006, principalmente p. 113-119) e Schadee (2008, principalmente p. 164).

¹⁷ “*The function of war in an ethnographic context, therefore, is both to discover and to confirm; to encounter and to keep distinct: a highly complex series of roles.*”

¹⁸ Esta estrutura também se insere na tradição, remontando a Homero e Hecateu de Mileto. Para exemplos em César, Cf. *BG*. I.1-4, II.1-4, III. 7-8. Em V.12-14, entretanto, inicia-se com uma descrição geral dos povos da Britânia (12), para depois descrever a geografia da ilha (13), e por último retomar uma descrição de povos, mas dessa vez de um povo em específico (no caso, os habitantes do Cântio, em 14). Tal estrutura é adotada por César também nas outras passagens citadas em maior ou menor grau (i.e. uma menor descrição geral no início, ou permeada esta descrição na descrição geográfica), mas parece-nos mais bem exposta neste caso.

¹⁹ Cf. Krebs (2006) e Schadee (2008) para uma análise dos propósitos dessa delimitação.

²⁰ Cf. *BG* II.9 e II.18, III.1 e IV.10, por exemplo.

²¹ “*he had that perfect understanding of his subject which no one else had or could ever attain.*”

[...] Os nervios, de cuja índole e costumes informando-se, colhe em resultado: 'Não terem com eles entrada alguma mercadores, pois não consentiam lhes levassem vinho nem outros objetos de luxo com que julgavam entorpecerem-se os ânimos e enervar-se o vigor; - serem mui rudes e bravos; - censurarem e acusarem os mais belgas por se haverem submetido aos romanos, renegando o pátrio valor; - e blasonarem de que não haviam mandar embaixadores a César, nem aceitar composição alguma. (BG II.15)

Ao definir seu oponente como primitivo, César, entretanto, se vê em um constante dilema: ao mesmo tempo em que, como vimos, ele os representa como bárbaros não civilizados, ele busca mostrá-los como “nobres selvagens”, através, principalmente, de seu valor na batalha. Entretanto, tal ato também estaria inserido ainda nessa tradição de escrita etnográfica, como coloca O’Gorman, ainda que tratando de Tácito:

Esse papel do bárbaro, como ‘nobre selvagem’, em oposição ao do bárbaro como o repositório de tudo aquilo não civilizado e socialmente indesejável, é uma sempre presente tensão em qualquer representação do estrangeiro, particularmente o estrangeiro primitivo. (O’Gorman, 2012, p. 111-112)²²

Logo, tal dilema não se apresenta como problema, pois é recorrente na tradição etnográfica, presente tanto antes quanto após César.²³ Contudo, ele não nos apresenta apenas um bárbaro, o gaulês, mas também descreve na obra os germanos. Para articular a existência de bárbaros de naturezas diferentes entre si, e também apresentar o gaulês como conquistável e romanizável, César mais uma vez se volta para a tradição. O’Gorman aponta que

O discurso da representação bárbara no mundo antigo é em muito um discurso de dualidade, polaridade, de ser ou um ou outro, apesar disto ser por vezes mascarado pela

²² “*This role of the barbarian, as ‘noble savage’, in opposition to the barbarian as the repository of all that is uncivilized and socially undesirable, is an ever-present tension in any portrayal of the foreigner, particularly the primitive foreigner.*”

²³ Como pode ser visto nas *Histórias* de Heródoto. Hingley acrescenta que “*The classical authors recorded the names of various ethnic groups in Italy, the Western Empire and elsewhere, including Etruscans, Iberians, Gauls, Batavians, Germans, Britons and Dacians. Although sometimes developed in very dismissive terms, at other times these accounts glorified indigenous peoples, arguing that they represented the pristine virtues that had been lost in Rome.*” (Hingley, 2005, p. 22).

atribuição de alteridade a elementos de sua própria sociedade. Uma divisão tripartite, na prática, não ocorre. Em outras palavras, se dois tipos de barbarismo são representados, um será assimilado ao Romano. (O’Gorman, 2012, p. 112)²⁴

Hartog demonstra os precedentes da afirmação de O’Gorman na comparação de Heródoto entre citas e amazonas. Como colocado por ele,

A história das amazonas utiliza, no ponto de partida, uma disposição cênica triangular, com os gregos, os citas e as amazonas. Mas, insensivelmente, para fazer realçar a alteridade das amazonas, a narrativa transforma os citas em “gregos”. Com efeito, vê-se que os citas raciocinam como gregos (contra mulheres não se faz guerra), valendo para eles também a polaridade guerra/matrimônio. [...]

A retórica da alteridade tende, pois, a ser dual - ou, dito de outro modo: como seria de esperar, *alter, na narrativa, significa bem o outro (de dois).*” (Hartog, 2014, p. 289)

Assim, para fazer então essa aproximação do gaulês a Roma, César utiliza o conceito romano de *virtus*. Essa *virtus* não comporia meramente o (aparente) sentido etimológico de masculinidade (Riggsby, 2006, p. 83), mas teria como uso corrente o sentido de

excelência demonstrada ao servir o estado, especialmente a coragem e a resistência de um soldado ideal.... A *virtus* de um soldado é, brevemente, tudo aquilo que leva ao sucesso na batalha, com a notável exceção da habilidade e sabedoria.” (MOORE, 1989: 5-6 apud RIGGSBY, 2006: 83) ²⁵

²⁴ “*The discourse of barbarian representation in the ancient world is very much a discourse of duality, polarity, of being either one or the other, although this is often masked by the assignation of otherness to elements of one’s own society. Three-way splitting does not, in practice, occur. In other words, if two types of barbarianism are represented, one will be assimilated to the Roman.*” É importante delinear que a divisão tripartite a qual O’Gorman se refere e diz ser impossível é a entre Roma e dois tipos diferentes de bárbaros.

²⁵ “*excellence shown in serving the state, especially the courage and endurance of an ideal soldier. . . . A soldier’s virtue is, in short, all that leads to success in battle, with the notable exceptions of skill and wisdom.*” Mark Toher (2009) apresenta *virtus* como “*manly spirit and excellence of character*”, indo contra a apresentação de Jeremy Patterson (2009), que a afirma como “*manliness*”, ou seja, meramente como masculinidade, e ligeiramente ao encontro da posição de Christina S. Kraus (2009), que a coloca como “*unbelievable courage*”, mas ainda com uma nítida diferença, pois uma “coragem inacreditável” parece ser ainda diminuta se comparada ao sentido dado por Toher de “excelência de caráter”. Parece-nos, entretanto, que a definição de *virtus* apresentada por Moore, ainda que mais antiga do que as aqui citadas, é não obstante a mais “completa”, ou satisfatória, a qual tivemos acesso. Para um contexto além de César, cf. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume - Cultura Romana*. 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

César não se limita a simplesmente atribuir às ações gaulesas e aos próprios gauleses a detenção de *virtus*²⁶, como o faz já no primeiro capítulo do primeiro livro ao afirmar que “excedem também os helvécios em **valor** aos mais gauleses” (*Helvetii quoque reliquos Gallos virtute praecedunt*)²⁷. Ainda, ele insere o conceito dentro do mundo gaulês, ao ponto deste ser utilizado em discursos por seus líderes, como o faz já no primeiro livro, através da fala de Divicão a César:

mas, se persistisse em guerreá-los, tivesse em lembrança o antigo desastre do povo romano, e o **valor** dos helvécios [...] que mais haviam aprendido de seus passados a combater com **denodo**, que a armar ciladas e traições. (*BG*, I.13)²⁸

e, posteriormente, no sétimo livro, com Vercingetórix, quando este diz, após o bem sucedido cerco romano a Avarico,

Que, não por **bravura**, nem em batalha tinham os Romanos vencido, mas por estratégia de guerra e ciência da arte dos assédios, coisas de que eles Gauleses não tinham conhecimento. (*BG*, VII.29)²⁹.

Além da já dita necessidade de aproximação dos gauleses à realidade romana para estes serem considerados passíveis de uma “romanização”³⁰, os

²⁶ Cf. Erickson (2002) para uma análise da presença de *virtus* na descrição de César do poderio naval do venécios.

²⁷ Grifo nosso.

²⁸ “*sin bello persequi perseveraret, reminisceretur et veteris incommodi populi Romani et pristinae virtutis Helvetiorum. [...] ne ob eam rem aut suae magnopere virtuti tribueret aut ipsos despiceret.*”

²⁹ “*Non virtute neque in acie vicisse Romanos, sed artificio quodam et scientia oppugnationis, cuius rei fuerint ipsi imperiti*”

³⁰ Enquanto a romanização é constantemente abordada da forma colocada por Kathryn Lomas, ou seja, “*The transition [to] a characteristically Roman set of cultural attributes and assumptions, assuming that the speed and mode of transmission and the nature of their reception vary according to the nature of the recipient and the social and economic level at which the transmission operates at any given moment.*” (Lomas, 1995, p. 109), e, possivelmente, fosse essa a percepção que César poderia querer transparecer (deixando claro que, obviamente, César jamais utilizou ou utilizaria este termo, tendo em vista sua concepção ter sido feita contemporaneamente (Webster, 2001, p. 211), é importante salientar que estudos mais recentes não se comportam de tal maneira. A definição demonstrada por Lomas sugere uma total passividade ante a assimilação por parte dos povos assimilados. Termos como “creolização”, proposto por Jane Webster (2001), englobam a possibilidade de uma troca cultural entre dominador e dominado. Ainda assim, esse termo está ligado à ideia de romanização. Nesse âmbito, é importante colocar a ressalva de Richard Hingley: “*Romanization has been reinvented*

objetivos de César ao desenvolver a sua criação gaulesa podem ser identificados em três pontos:

1) Justificar e diminuir as derrotas sofridas e erros estratégicos cometidos durante as campanhas. Contra inimigos tão valorosos, a derrota deveria ser incluída nas possibilidades de resultados das batalhas, ainda que “não tinham os inimigos motivo para alegria duradoura, nem os nossos, para dor mais prolongada” (*BG*, V.52). César aponta isso após um grave erro de estratégia por parte de Sabino ao confiar cegamente em Ambiórrix, o que acarretou na morte de um grande número de tribunos militares e centuriões graduados e na morte do próprio Sabino. Podemos também observar isso, por exemplo, em *BG* II.25, onde César nos informa de enormes perdas romanas

[...]os soldados da duodécima legião, mortos todos os centuriões da quarta coorte juntamente com o alferes, tomado o estandarte, mortos ou feridos quase todos os centuriões das demais coortes [...] (*BG*, II.25)

Tal relato se repete em termos em IV.12, ainda com a ressalva da bravura dos soldados romanos exemplificados em Pisão o Aquitânio e seu irmão

Foram mortos neste combate setenta e quatro dos nossos, e entre eles um varão esforçadíssimo, Pisão o Aquitânio, de preclaríssima linhagem, cujo avô, honrado com o título de amigo pelo Senado, havia sido rei na sua cidade. Socorrendo este ao irmão envolvido pelos inimigos, conseguiu salvá-lo; mas, derribado do cavalo ferido, e defendendo-se valorosíssimamente, caiu por fim no meio da multidão hostil transpassado de muitas feridas. Ao observá-lo de longe, o irmão que já estava fora da refrega correu a toda brida, e oferecendo-se aos inimigos foi igualmente morto. (*BG*, IV.12)

2) Justificar a invasão de terras alheias e o início de guerras potencialmente desnecessárias e incertas, ainda que contra povos considerados hostis, como eram os gauleses desde o saque de 390 A.E.C. Diversas justificativas são dadas no decorrer da obra. Por exemplo, em I.31, César apresenta os gauleses pedindo seu auxílio para findar o domínio de Ariovisto, germano que havia sido

in each age to reflect upon contemporary situation. It is a cultural construct and not a self-evident entity” (2005, p. 15).

chamado à Gália com suas tropas para auxiliar em guerras internas mas que acabou por dominar a região. Em III.10, César aponta a necessidade da guerra como represália às ações dos gauleses

O escândalo da prisão dos cavaleiros romanos, a rebelião depois da submissão e entrega dos reféns, a conjuração de tantas cidades, o receio principalmente que deixando impune esta parte, a exemplo dela, se rebelassem todas as demais cidades da Gália.(BG, III.10)

Outro exemplo pode ser visto ainda em VI.2, quando o número de justificativas para a guerra se dá na mesma quantidade que em III.10,

Sabido isto, e vendo preparar-se guerra por toda parte, acharem-se em armas os nérvios, aduatucos e menápios, com todos os germanos daquém Rim, não acudirem os senones ao chamado sobre entrarem na conjuração com os carnutes e cidades comarcas, e serem os germanos solicitados com frequentes embaixadas pelos tréviros, resolveu César fazer a guerra mais cedo. (BG, VI.2)

É interessante notar, ainda, a presença também como justificativa a mera prerrogativa de Roma à região, como visto, por exemplo, em I.45 em resposta a Ariovisto: “se convinha atender à antiguidade, o império³¹ romano era o mais justo na Gália; se à autoridade do Senado, a Gália a quem permitira vencida reger-se por suas leis, devia ser livre.” (BG, I.45)

E em IV. 16, partindo de uma fala dos germanos sugambros:

Que era o Rim limite do império do povo romano; - e se César não julgava justo passarem-se os germanos à Gália contra a vontade dele, com que direito queria exercer jurisdição e soberania além Rim?” (BG, IV.16)

³¹ A tradução de Sotero não demonstra o complicado termo latino *imperium*. No verbete da edição de 2003 do OCD (751-752), feito por Peter Sidney Derrow, a definição seria “*the supreme power, involving command in war and the interpretation and execution of law (including the infliction of the death penalty), which belonged at Rome to the kings and, after their expulsion, to consuls, military tribunes with consular power (from 445 to 367 BC), praetors, dictators, and masters of the horse. Viewed generally, imperium represents the supreme authority of the community in its dealings with the individual, and the magistrate in whom imperium is vested represents the community in all its dealings. In practical terms, imperium may be seen as the power to give orders and to exact obedience to them. [...] Later in the republic imperium was held also by proconsuls and propraetors, who were either ex-magistrates or private individuals upon whom a special command had been conferred (privati cum imperio), and by members of certain commissions.*”.

3) Engrandecer seu nome através do embate contra um “inimigo ideal”, tão valoroso que por vezes pudesse ser comparado aos próprios romanos, mas que ainda assim foram derrotados e conquistados por ele, César. Esse terceiro objetivo está intimamente ligado ao segundo, tendo em vista que César vai diretamente ao encontro da alta perícia em batalha dos gauleses, sua sagacidade e sua *virtus* pela necessidade de justificar seus erros. Logo, ao derrotar tão valorosos oponentes, que causaram tantas perdas e problemas a Roma - problemas estes que não poderiam ser ignorados ante a possibilidade de uma mais ampla ação (como visto no segundo ponto na questão da guerra em represália, independentemente dessa ampla ação ter ocorrido sob Vercingetórix), - César seria ainda mais valoroso que a “*coalizão de toda a Gália, a qual nem ainda o poder do mundo resistiria*”, como exposto na fala de Vercingetórix em VII.29.

Ou seja, o objetivo textual de César poderia ser resumido, brevemente, em uma necessidade de articulação da tradição etnográfica em proveito próprio.

As etnografias presentes no *BG* constituem, portanto, peculiares construções dentre a miríade de etnografias legadas a nós pelas chamadas sociedades clássicas; peculiares por se tratarem, de certa forma, de uma ressignificação da tradição em “propaganda”³². Mesmo não compondo representações diretas de uma pretensa realidade observada devido à própria tradição na qual estão inseridas (como apontado por Fornara e citado no início do presente artigo), elas não são de todo uma ficção - afinal “*César não pode ter passado todo seu tempo na Gália com os olhos fechados*”³³ (Rawlings, 1988: 173). Como coloca Alexa Jervis,

O *BG* enfatiza a bravura, a coragem e o valor moral gaulês a um nível que poucas vezes é visto nas fontes escritas mais antigas. As vitórias romanas são duramente conquistadas, e os gauleses por vezes demonstram uma invejável resistência nas derrotas. César enfatiza que seus oponentes gauleses são devotadamente primitivos, em contraste com

³² Cf. Rambaud(2011) e Beltrão (2007).

³³ “*Caesar cannot have spent his whole time in Gaul with his eyes closed.*” Rawlings está na verdade parafraseando Nash, D. ‘Reconsidering Poseidonios’ Celtic ethnography: some considerations’, *Britannia* 7. 1976, pp. 111-126.

seus vizinhos mais romanizados, cuja *virtus* fora erodida pelos bens da província.” (Jervis, 2001, p. 5)³⁴

Logo, essas etnografias são ainda aspectos de concepções de César: o *topos* da valorização da *virtus* e sua posição decisiva para o êxito militar; a sociedade e cultura, a *humanitas*³⁵, como representante de Roma e, ao mesmo tempo, alienadora da *virtus*³⁶ primitiva; e, como assinalado acima, a articulação da tradição em proveito próprio. E é um dos frutos da mentalidade de César, seus gauleses, que se perpetuam e se ressignificam no imaginário ocidental, de reis a quadrinhos, até os dias de hoje.

Abreviações:

BG: *Bello Gallico*

AAL: *Ares, Águas e Lugares*

³⁴ “The BG emphasises Gallic valor, bravery, and moral worth to a degree that is little seen in the earlier written sources. The Roman victories are hard-won, and the Gauls often display admirable endurance in defeat. Caesar emphasises that his Gallic opponents are ascetic primitives, in contrast to their more Romanized neighbours, whose *virtus* has been eroded by goods from the province.” Agradecimentos especiais à autora por ter disponibilizado seu trabalho.

³⁵ Como o próprio César coloca em BG, I.1, “*cultu atque humanitas*” no sentido de cultura e civilização, conforme discutido na nota 12. Hingley ainda denota que “*Humanitas is usually translated to mean ‘civilization’ but it stood for a complex range of ideas which all served a role in contributing to the definition of the Roman self. Classical Rome, in the company of many other peoples, defined its identity in contrast to a concept of ‘otherness’.* *Humanitas was a significant aspect of what it was to be ‘Roman’*” (HINGLEY, 2005: 62).

³⁶ Vide o já citado caso dos Nérvios, em BG, II.15, e dos Suevos, em BG IV.2, por exemplo.

Bibliografia:

Fontes primárias

CAESAR, Julius. *The Gallic War*, translated by HJ Edwards. Cambridge: The Loeb Classical Library, 1917; edição de 2006.

CÉSAR, Júlio. *Comentários sobre a Guerra Gálica*, tradução de Francisco Sotero dos Reis. Rio de Janeiro: Ediouro, s. d.

HIPÓCRATES. Ares, Águas e Lugares. In CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005; pp. 91-130.

Fontes secundárias

BELTRÃO, C. Campos de Batalha, Espaços de Guerra: Os Comentarii de Bello Gallico de Caio Júlio César. *Brathair*, Edição Especial, nº1, p. 38-45, 2007.

DENCH, Emma. *Romulus' asylum: Roman identities from the age of Alexander to the age of Hadrian*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

DIETLER, Michael. "Our ancestors the Gauls": archaeology, ethnic nationalism, and the manipulation of Celtic identity in modern Europe. *American Anthropologist*, v. 96, n. 3, p. 584-605, 1994

ERICKSON, Brice. Falling masts, rising masters: The ethnography of virtue in Caesar's account of the Veneti. *American journal of philology*, v. 123, n. 4. 2002; pp. 601-622.

FORNARA, Charles W. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. University of California Press, 1988.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HINGLEY, Richard. *Globalizing Roman Culture*. London and New York: Routledge, 2005.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony (eds.). *The Oxford classical dictionary*. Oxford University Press, 2003.

JERVIS, Alexa. *Gallia scripta: Images of Gauls and Romans in Caesar's "Bellum Gallicum"*. Dissertação de Mestrado. University of Pennsylvania, 2001.

KELSEY, Francis W. The Title of Caesar's Work on the Gallic and Civil Wars. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. The Johns Hopkins University Press, 1905; pp. 211-238.

KRAUS, Christina S. *Bellum Gallicum*. GRIFFIN, M. (ed.) *A Companion to Julius Caesar*. Oxford: Wiley Blackwell, 2009.

LOMAS, Kathryn. 'Urban elites and cultural definition: Romanization in southern Italy'. In CORNELL, T.J.; LOMAS, Kathryn (eds). *Urban Society in Roman Italy*. London: UCL Press, 1995; p. 109 spud HINGLEY, 2005: 18.

MARINCOLA, John (Ed.). *A companion to Greek and Roman historiography*. Blackwell Publishing: Oxford, 2007.

MOORE, T. *Artistry and Ideology: Livy's Vocabulary of Virtue*. Athenäum Monografien, Altertumswissenschaft 192, Frankfurt: 1989; pp. 5-6 apud RIGGSBY, 2006: 83.

O'GORMAN, Ellen. No Place Like Rome: Identity and Difference. In: *Oxford Readings in Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp. 95-118.

OTIS, Alvah Talbot. The Helvetian Campaign. Was Caesar Wise or Wilful? An Examination of the Hypothesis of Ferrero. Part I. *The Classical Journal*, v. 9, n. 6. 1914, pp. 241-250.

PATTERSON, Jeremy. Caesar the Man. in: GRIFFIN, M. (ed.) *A Companion to Julius Caesar*. Oxford: Wiley Blackwell, 2009.

RAMBAUD, Michel. *L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César*. Terceira tiragem. Paris: Les Belles lettres, 2011. Primeira edição de 1952.

RAWLINGS, Louis. Caesar's portrayal of Gauls as warriors. In WELSH, K.; POWELL, A. *Julius Caesar as artful reporter: The war commentaries as political instruments*. London: Classical Press of Wales, 1998; pp. 171-92.

RIGGSBY, Andrew M. *Caesar in Gaul and Rome: War in Words*. Austin: University of Texas Press, 2006.

SCHADEE, Hester. Caesar's Construction of Northern Europe: Inquiry, Contact and Corruption in De Bello Gallico. *The Classical Quarterly (New Series)*, 58. 2008; pp. 158-180.

TOHER, Mark. Augustan and Tiberian literature. in: GRIFFIN, M. (ed.) *A Companion to Julius Caesar*. Oxford: Wiley Blackwell, 2009.

WEBSTER, Jane. Creolizing The Roman Provinces. *American Journal Of Archaeology*, 2001; pp. 209-225.

WISEMAN, T. P. The Publication of De Bello Gallico. In WELSH, K.; POWELL, A. *Julius Caesar as artful reporter: The war commentaries as political instruments*. London: Classical Press of Wales, 1998; pp. 1-9.